

A INFLUÊNCIA DO CRISTIANISMO NO DISCURSO DAS CANTIGAS LÍRICAS MEDIEVAIS

Paulo Roberto Nascimento OLIVEIRA¹
Licenciando em Letras – Português
IFSP/ Câmpus São Paulo

RESUMO

Este artigo busca tratar da influência de discurso religioso no período medieval, em particular na construção das cantigas líricas da época. Pretendemos demonstrá-lo com a leitura de exemplos literários e análises sócio-históricas, principalmente a partir de Benjamin Abdala Júnior e Maria Aparecida Paschoalin (1985).

Palavras-chave: Literatura. Lírica. Idade Média. Cantigas medievais. Cristianismo.

Introdução

Na construção das cantigas medievais estão inseridos diversos discursos, e entre eles há um com base no discurso religioso, que se expande por todo território feudal, na arquitetura, nos ritos eclesiais e nas trocas sociais que se baseiam na relação de suserania e vassalagem.

A posição de “senhor” tem relação político-religiosa. *Senhor* neste contexto trata-se do detentor de terras e de propriedades. Já Deus, nessa concepção, é visto como o “dono do universo”, o “senhor” a quem todo mundo se submete, assim como acontece com a submissão ao senhor feudal, aos nobres e ao clero.

A posição do clero é a mais marcante, pois a Igreja Católica detém a maior parte das terras, e nada mais é tão importante quanto possuir terras nesta época medieval, pois é onde o poder se estabelece, em plantações e possibilidades de exploração.

Para o acolhimento de fiéis, a Igreja também usa uma alternativa para que as mulheres sejam acolhidas, e que tenham um símbolo simultâneo de “senhora” e “serva”:

¹ Endereço eletrônico: pauloroberto.oliveira@live.com

o culto marial. O culto à mãe de Cristo expressa essa intenção, ela é tratada como “Senhora”; o mais intrigante, porém, é que na falta da palavra feminina no galego-português, encontramos a expressão “Mia Senhor” para se referir à mulher amada, pois, além de tudo, o amor relaciona-se com a ideia de rebaixamento, de submissão.

Uma concepção totalmente nova de amor, inclusive, inspirada no sacrifício do Cristo, o amor que é obediência, que é se submeter ao outro, o amor que se estabelece na felicidade do outro, é uma concepção muito diferente das que foram apresentadas por Platão e Aristóteles, por exemplo.

Poderemos conhecer todas estas visões quando analisarmos como estas questões são expostas nas cantigas medievais, entre elas, principalmente e especificamente as cantigas líricas, as cantigas de amor e de amigo. Para tanto, valemo-nos da leitura de exemplos literários e análises sócio-históricas, principalmente a partir de Benjamin Abdala Júnior e Maria Aparecida Paschoalin (1985).

Contexto histórico

Antes de nos atentarmos às cantigas, é preciso entender o que acontecia nessa época, que ficou conhecida erroneamente como Idade das Trevas (título influenciado pelo Iluminismo com o propósito de rebaixar o período feudal). Estipula-se que esse período está entre o ano de 476 d.c, em que supostamente ocorre a queda do Império Romano do Ocidente, e o de 1453, com a tomada de Constantinopla pelos turcos.

A Idade Média conta com um forte apelo religioso; como já exposto, tudo envolve a Igreja Católica, afinal o que mais importava naquele tempo era quanta extensão de terra possuía, e a Igreja Católica detinha a maioria do território, o que significava muito poder.

A sociedade medieval era em sua grande parte estamental, ou seja, tinha pouca ascensão social. Nesse sentido, geralmente quem nascia camponês, morria camponês, e essa condição era reforçada pelo discurso religioso, que via a condição social como dada por Deus, o dono de toda a terra. Coloca-se “geralmente”, pois há um período da época medieval em que, nas trocas de comércio, um grupo de pessoas começou a ascender nos burgos (regiões que comumente ficavam dentro de um feudo), conhecidos mais tarde como burgueses e tendo sua ascensão consolidada na Revolução Francesa.

Sabendo disso, há de se destacar o que dizem Benjamin Abdala Junior e Maria Aparecida Paschoalin, na obra *A história social da língua portuguesa*:

Essa organização social é reiterada pelo espírito teocêntrico, pois a visão de Deus como ser absoluto, capaz de ditar as normas sociais, o comportamento individual, de estabelecer o limite entre o bem e o mal, acaba por determinar também toda uma concepção servil em que o homem nasce para obedecer, ou mesmo para seguir o caminho previamente determinado pelo ser absoluto (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 1985, p. 11).

Um dos traços mais fortes desse período que contamina todo setor dessa sociedade é a relação de suserania e vassalagem, geralmente ocorrida entre nobres, uma troca de favores; pedaços de terras, por exemplo, eram negociados – o vassalo pediria proteção de seu Senhor, o dono do feudo, e essa proteção era feita por cavaleiros que este dono possuía, pois não era seguro viver na Idade Média, já que pairava a iminência de invasões bárbaras.

A arte, por consequência, retrataria todas essas características. As cantigas, por exemplo, tinham como autores os chamados trovadores, membros da alta nobreza, que geralmente não estavam sozinhos, pois as cantigas eram poemas cantados e acompanhados por instrumentos musicais.

Entre os que acompanhavam o trovador estavam: o segrel (também nobre, poeta e cantor); o jogral (compositor e cantor); o menestrel (cantor) e a soldadeira (a mulher que acompanhava o jogral). Novamente, todos estes nomes eram da nobreza, e detinham o privilégio de compor e apresentar as cantigas à corte e ao palácio.

Voltando-se ao que dizem Abdala Junior e Paschoalin, a relação entre o teocentrismo e o feudalismo é muito clara, e assim os autores expõem: “Não haveria teocentrismo sem existir o feudalismo e vice-versa, afinal um está a serviço do outro da mesma forma que não haveria o nobre ocioso se não houvesse o servo trabalhador” (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 1985, p. 12).

Com base nesses fatores, podemos exemplificar por meio das cantigas os traços religioso e histórico presentes na época medieval.

A condição humana de servo

Na concepção cristã, estamos em um planeta criado por um ser absoluto, ou seja, o planeta pertence ao criador, a mesma posição, por exemplo, em esferas diferentes, da de um servo que vive em um feudo; deve prestar contas ao seu Senhor e cuidar do seu espaço.

Portanto, a estrutura social do feudalismo não pode ser entendida sem a ótica do teocentrismo. Seguindo o que dizem Abdala Junior e Paschoalin (1985), o português medieval frequentava assiduamente as missas e cerimônias da igreja, e havia santuários cristãos nas cidades e no campo.

Além das cantigas, o discurso religioso também estava na vida social daquela população. Para exemplificar essa posição de rebaixamento, como servo que se humilha pelo seu Senhor, temos uma cantiga de Dom Dinis, o sexto rei de Portugal e um dos principais trovadores dessa época medieval:

Quer'eu de maneira de proença
Fazer agora um cantar d'amor,
E querrei muit'i *loar mia senhor*
A que prez nem fremosfera nom fal,
Nem bondade; e mais vos direi ém:
Tanto a fez Deus comprida de bem
Que mais que todas lãs do mundo val

Ca mia senhor quizo Deus fazer tal,
Quando a fez, que a fez sabedor
De todo bem e de mui gram valor,
E com tod'es[o] é mui comunal
Alí u deve, er deu-lhi bom sém,
E desi nom lhi fez pouco de bem
Quando nom quis que lh'outra foss'igual

Ca em mia senhor nunca Deus pôs mal
Mais pôs i prez e beldad'e loor
E falar mui bem, e riir melhor
Que outra molher, desi é leal
Muit', e por esto nom sei oj'eu quem
Possa compridamente no seu bem
Falar, ca nom á, tra-lo seu bem, al
(D. DINIS, 2017).

Podemos observar nesta cantiga muitos elementos que têm inspiração religiosa, entre estes destacamos *loar mia senhor* – trazendo para o português atual: *louvar minha senhora*.

O termo *louvar* já traz por si só toda uma faceta religiosa, pois louvar é o mesmo que exaltar, glorificar, e só se pode fazê-lo a uma pessoa ou a um ser singular, que seja digno de tamanha admiração, e assim o trovador o faz para exaltar a mulher amada.

Um traço importante nesse caso é o de que nas cantigas de amor, o amor almejado pelo homem enamorado é um amor impossível, que não é recíproco e, para tal, os trovadores colocam geralmente a mulher amada como pertencente a uma alta nobreza e um homem geralmente como um simples cavaleiro ou camponês, deixando claro como é muito forte a pouca mobilidade social que a sociedade feudal apresenta, pois as classes dos amantes são incomunicáveis.

A partir disso, Abdala Junior e Paschoalin também destacam:

E o cavaleiro, que ocupava o espaço da nobreza sem ter os poderes do senhor feudal, acaba por ser vassalo desse tipo feminino, numa relação em que se evidencia a metáfora social do vassalo e senhor feudal, quando não revela a sublimação da posição social do vassalo (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 1985, p.17).

Outro trecho em destaque na cantiga de Dom Dinis merece uma explanação: *De todo bem e de mui gram valor*; neste trecho está implícita uma concepção cristã de bem e mal, uma classificação que geralmente as pessoas fazem para algo, se faz bem ou faz mal, mas, da forma como posto, *bem* está no sentido de posse e o que explicita isso é o que vem depois, *de mui gram valor*, ou seja, um bem de muito valor, algo precioso criado pelo próprio Deus.

Portanto percebemos que a noção de posse também é muito presente nas cantigas, para demonstrar o quanto aquele amor inalcançável é importante para o amado; exaltar é um bem que ele possui.

O culto à Maria e a mulher na Idade Média

Pode-se usar como referência a mesma cantiga para falar do culto marial nessa época da Idade Média, pois assim como Maria é vista pelo cristianismo, a mulher na cantiga de amor também é, é a mulher ideal e perfeita, digna de louvor e adoração.

Uma importante característica na cantiga de amor que reforça essa visão é que não há sensualismo nesse tipo de cantiga, a mulher é exaltada pela sua beleza, pela sua posição social, mas ignora-se qualquer referência ao sexo ou erotismo. A propósito, era proibida a criação de cantigas com esse tipo de abordagem, pois considerada uma depravação; prioriza-se nessa época a alma, sujeita a uma possível condenação após a morte.

Essa mulher não sensual, idealizada e perfeita, era o modelo ideal de mulher para a promoção do culto mariano no cristianismo.

Diferentes eram as cantigas de amigo, em que havia sensualismo e uma visão mais real e concreta do amor, como explicitam Abdala Junior e Paschoalin:

Sensuais, não raras vezes, as cantigas de amigo são impregnadas de um realismo amoroso que nos parece exprimir mais do que uma situação individual: de origens populares, reflete uma visão de mundo sem solenidade, sem as artificiosas cortesias tão comuns ao ambiente nobre. (...) O contato do trovador com a mulher simples, burguesa e cortesã resultou no conhecimento de sua psicologia, de suas ânsias e expectativas (ABDALA JUNIOR; PASCHOALIN, 1985, p. 16).

Nas cantigas de amigo, há um amor concreto, e nelas uma temática que se baseia na saudade, na espera pelo amado, do amado que foi para guerra, que está ausente por um motivo nobre e valente, e a amada o espera ansiosamente.

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai, Deus!, se verrá cedo!
Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus!, se verrá cedo!
Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ai Deus!, se verrá cedo!
Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
E ai Deus!, se verrá cedo!
(MARTIM CODAX, 2017)

Assim, vemos que o gênero feminino é carregado de características dadas pelos trovadores que retratam um panorama social muito influenciado pelo poderio político, social e religioso da Igreja Católica.

A concepção cristã do amor

A época medieval é de heranças fortes de um tempo passado. O cristianismo só estava naquele patamar por causa de um homem que levou aquela nova filosofia de vida para a Europa, e este era Paulo de Tarso. Consequentemente, o cristianismo se institucionalizou e aliou-se ao Estado, e formou a conhecida Igreja Católica medieval.

A filosofia cristã encontrou resistência, principalmente na Grécia, em uma das viagens missionárias de Paulo – é como coloca Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento, em seu livro *O que é Filosofia Medieval*:

Paulo apresenta a Boa Nova da pregação cristã não tanto como uma ruptura com a teologia grega, mas um aperfeiçoamento desta. De fato, Paulo diz que o verdadeiro Deus que tudo fez, o Senhor do céu e da terra, que dá a tudo vida e alento, não habita em templos materiais construídos pelos homens. Ele de nada precisa. Está, ao mesmo tempo, distante e próximo de nós (...). Mas, no final, quando Paulo se refere à ressurreição de Jesus, seus ouvintes caem na risada e lhe dizem: “a respeito disso te ouviremos noutra ocasião”. Lucas, o redator de *Atos*, assinala o magro resultado dessa pregação, para não dizer seu fracasso quase completo (NASCIMENTO, 1992, p. 12).

Encontramos, portanto, na Idade Média, um panorama totalmente diferente de como se recebe a filosofia cristã já que ela permeia por toda a sociedade feudal, porém, a concepção cristã de amor também foi uma revolução tempos antes com as ações do próprio Jesus, que difere totalmente de todas as concepções tidas anteriormente.

Os gregos apresentam três palavras em sua língua para expressar o amor, a saber: *eros*, *philia* e *ágape*. Em *eros* temos a visão de Platão, *philia* temos Aristóteles, e em *ágape* temos uma concepção cristã, segundo Quadros (2011), em seu artigo *Eros, Filia e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã*.

Quadros ainda apresenta que *ágape* é o amor que é doação, um dom divino. A concepção cristã de amor de se rebaixar, de se inferiorizar ao outro nesse ponto de vista é uma concepção totalmente nova, expressa nas cantigas de amor com o *coito*, o

sofrimento do amado em relação à mulher amada, o ato de se doar assim como fez Cristo, e como ele próprio diz, de acordo com o Evangelho de Marcos:

Jesus respondeu: “O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! E ame ao Senhor seu Deus com todo seu coração, com toda sua alma, com todo seu entendimento e com toda sua força. O segundo mandamento é este: Ame a seu próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois (EVANGELHO DE MARCOS, 1990, p. 29-31).

Entende-se que, por meio de tudo isso, o discurso cristão permeia sobre toda a sociedade e sua criação literária. De qualquer forma, não cabe dizer se o discurso é o mesmo imposto por Cristo, já que a Igreja como instituição detinha interesses políticos e sociais, e usava este discurso ao seu favor para a manutenção de poder e influência na época medieval.

Considerações finais

Temos, portanto, como característica marcante nas cantigas líricas o pensamento cristão e toda sua filosofia como reguladora das trocas sociais e do modo de vida da população – o discurso religioso feito pela Igreja para garantia e manutenção de seus privilégios, capaz de determinar e administrar os poderes político, social e religioso da época.

Percebe-se também todo o processo feito para adentrar o patamar em questão, em como a religião cristã oprimida no império romano foi capaz de inverter os papéis ao se institucionalizar e aliar-se ao Estado.

Não há aqui nenhum julgo de valor da religião cristã nem da Igreja Católica, mas do ponto de vista histórico e social entende-se necessário interpretar quais ações essa importante instituição medieval (a mais importante, aliás) desempenha em sua época e como repercute toda sua ação em meio à história humana.

As cantigas líricas medievais eram produto dessa ação nítida, e demonstravam, mesmo que indiretamente, como a sociedade medieval se comportava e qual era sua visão de mundo; época esta que, apesar de conhecida como *Idade das Trevas*, trouxe um legado, com o comércio, as universidades e muitas outras contribuições.

Referências

ABDALA JUNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 1985.

D. DINIS. Quer'eu em maneira de proençal. Disponível em <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=544&pv=sim>>. Acesso em nov. 2017.

EVANGELHO DE MARCOS. **Bíblia Sagrada**. Edição pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.

MARTIM CODAX. Ondas do mar de Vigo. Disponível em <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1308>>. Acesso em nov. 2017.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **O que é Filosofia Medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

QUADROS, Elton Moreira. *Eros, Filia e Ágape*: o amor do mundo grego à concepção cristã. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v. 33, n. 2, 2011. p. 165-171.

THE INFLUENCE OF CHRISTIANITY IN THE SPEECH OF MEDIEVAL LITERATURE

ABSTRACT

This paper seeks to deal with the influence of the religious discourse in the medieval period, in particular in the lyrical songs making. We aim to demonstrate it by reading literary examples and socio-historical analyzes, mainly from Benjamin Abdala Júnior and Maria Aparecida Paschoalin (1985).

Keywords: *Literature. Lyrical. Middle Ages. Medieval lyrical songs. Christianity.*

Envio: dezembro/2017
Aceito para publicação: março/2018